

U.C. MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO
Artes Plásticas – Escultura

ANO LECTIVO 2010/2011 – 1º SEMESTRE

Um olhar sobre Luís Brilhante

DOCENTE: Pedro Góis

DISCENTE: Susana Aleixo Lopes

Índice

Introdução.....	3
Método de investigação	4
A entrevista	4
Biografia do autor.....	7
O Artista e a lha: reflexão e análise sobre a entrevista.....	9
Conclusão.....	11

Bibliografia

Anexos

Introdução

No âmbito da U.C. de Métodos de Investigação, uma vez proposta a investigação de um/a artista plástico/a, a opção por Luís Brilhante deve-se, sobretudo, ao facto de partilharmos o local de nascimento: S. Miguel, Açores. Por perceber que, desde cedo, a influência da ilha tem sido preponderante, não só na construção da minha personalidade, como também nas reflexões para os trabalhos que tenho vindo a desenvolver em escultura, desde logo orientei a escolha do/a artista para a “minha terra”.

Na possibilidade de contactar Luís Brilhante, e por admirar o seu trabalho, a investigação surge no sentido de compreender em que medida o factor “ilha”, no caso, S. Miguel, afecta ou não outros/as artistas. Optei, também, por uma perspectiva de análise do seu percurso enquanto artista, para uma visão mais alargada.

Reconheço, no entanto, desde já, que as conclusões retiradas deste trabalho estão circunscritas se não a um, a dois pontos de vista, uma vez que não tenho, efectivamente, competência ou tempo suficiente para ambicionar algo a grande escala. Assim sendo, apenas pretendo levantar futuros pontos de reflexão, e não, encontrar respostas concretas.

Método de investigação

Para esta investigação os métodos que utilizei foram, essencialmente, as leituras de textos relacionados com o tema, mas, sobretudo, a entrevista. De seguida passarei a contextualizar este último método, no contexto da U.C. e do que aqui se discute.

A entrevista

A utilização da entrevista, no âmbito da investigação que desenvolvo, tem em vista o esclarecimento de alguns pontos que, pela falta de experiência do fenómeno, e pelas leituras, por si só, não tornam explícitos, bem como a abertura de pistas para reflexões que não surgiram naturalmente. Neste sentido, através do estudo de manuais que visam a instrução para a investigação em Ciências Sociais, pude determinar as características com que o processo deve ser desenvolvido, pelo que passo a explicitá-las e a demonstrar, desde já, a sua aplicação prática no contexto do tema em foco.

Características essenciais:

- *“Gravar as entrevistas” e “Procurar que a entrevista se desenrole num ambiente e num contexto adequados”* (Quivy & Campenhoudt, 1995)

Inicialmente estava previsto um encontro com Luís Brilhante, no sentido de proceder a esta fase da investigação. No entanto, por condicionantes exteriores ao trabalho, este não foi possível, pelo que a alternativa encontrada foi a de comunicarmos via e-mail, limitando sobremaneira as respostas e as conclusões

obtidas. Posto isto, estas duas características, sem desconsiderar a sua importância, não foram concretizáveis.

- *“Fazer o mínimo de perguntas possível” (idem, ibidem)*

Mais uma vez, dadas as especificidades desta entrevista, as perguntas previstas para o diálogo tiveram de ser decompostas para uma maior garantia de informação e esclarecimento. Não sendo presencial, torna-se impossível a exploração dos conteúdos como produto da interação.

Perguntas a Luís Brilhante (e-mail):

- * O que o levou/ motivou para a escolha desta área – Artes? Porquê a pintura?
- * Como teve início a sua carreira? E como considera a evolução do seu trabalho?
- * Quais foram as suas principais dificuldades e mais valias nesta área? Sentiu alguma alteração?
- * Notou alguma rejeição por parte da sua família, amigos, no local onde nasceu e estudou, etc., pela sua opção pela pintura?
- * Quais considera serem as principais influências na sua arte? O que o inspira/ou? O que destaca na sua produção artística?
- * A terra natal tem influência no seu trabalho?
- * Num dos e-mails anteriores referiu a necessidade de uma actividade bipartida, no seu caso, entre a pintura e o ensino. Considerando as dificuldades da área, o que aconselha a futuros artistas plásticos do seu país?

- *“Intervir de forma o mais aberta possível” (idem, ibidem)*

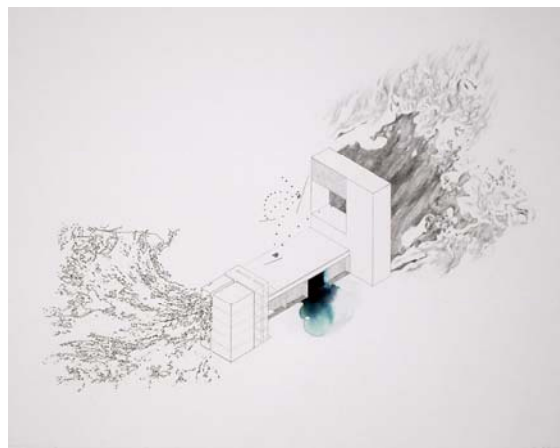
A concretização desta característica deve-se, sobretudo, à preocupação no formular de perguntas que não fossem passíveis de conduzir o discurso do artista, procurando apelar à sua opinião e não a ideias que tinha pré concebido.

- *“Abster-se de implicar a si mesmo no conteúdo” (idem, ibidem)*

Biografia do autor

Luís Álvaro Brilhante de Oliveira nasceu a 1 de Maio de 1968, em Ponta Delgada, Açores, local onde reside actualmente. Tem o bacharelato em Artes Plásticas, Pintura, 95, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e é licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 97.

No seu currículo conta com varias exposições individuais – em 1990, na Galeria "S/Título", Açores; em 2001, na Galeria Cesar/Filomena Soares, Lisboa; em 2002, na Artcore Gallery, Toronto, Canadá; em 2003, na Quadrum Galeria de Arte, Lisboa; em 2006 e 2010, Galeria Monumental, Lisboa –, e colectivas, nacional (continente e ilhas) e internacionalmente – Canadá, Bélgica, Espanha, Alemanha, Itália e EUA.



Obras de Luís Brilhante, expostas na Galeria Monumental



Obra de Luís Brilhante, expostas na Galeria Monumental



Obra de Luís Brilhante, expostas na Galeria Quadrum

Paralelamente é professor do ensino secundário, no Liceu Antero de Quental em Ponta Delgada.

O Artista e a Ilha: reflexão e análise sobre a entrevista

“Se no Inverno de 94 uma exposição colectiva de Arte Contemporânea nos Açores podia representar apenas quatro pintores da Região, no Outono de 2004 tal não é possível, porque a situação se alterou definitivamente. (...) ...três verificações fundamentais:

A primeira é a de que vivemos, neste momento, um contexto alterado e que esta é uma oportunidade para rever o trabalho dos protagonistas desta alteração, fazendo um ponto da situação;

A segunda é a de que grande parte da produção significativa dos artistas açorianos em actividade dentro e fora de Região tem sido realizada preferencialmente no médio pintura;

A terceira é a de que estes artistas evocam recorrentemente o tema da paisagem nas suas obras.” (Maria José Cavaco, 2004)

Quando questionado sobre a influência que S. Miguel tem nas suas obras, Luís Brilhante reporta-se apenas àquela na sua personalidade e ao despertar de capacidades, nomeadamente a de abstracção, por via da condição de habitante insular. Com efeito, no que toca à produção em si, o artista não revela, nas suas palavras, uma relação directa entre os dois elementos.

Não nego que, quando me propus a este exercício, pela ligação estreita que estabeleço com a minha terra natal, nos meus trabalhos, a expectativa era de encontrar pontos comuns no trabalho de Brilhante. No entanto, as questões levantadas pelo artista, sobre as quais nunca tinha reflectido, são uma mais valia: o mar que rodeia a nossa “vida”, transporta-nos para universos paralelos; não basta caminhar, nem sequer é possível; muitas vezes, sair da ilha, é um

exercício de imaginação. Se, nos meus trabalhos, a influência que à partida identifico, vem da Natureza, não menos importante tem sido este transporte, até agora inconsciente.

No mais, o artista refere a importância da música, da fotografia, do cinema e de alguns ensaios sobre teoria de arte, afirmando, inclusive: “considero fascinante a forma como Rosalind Krauss aborda questões relacionadas com a intuição na leitura de uma obra de arte”. Define-se como “puritanista” – *“aqueles que vivem na sua «Torre de Marfim»”, “aqueles que fazem o que querem, como querem e estão-se pouco importando para aquilo que acham do seu trabalho”* – e salienta a ligação entre o início da sua carreira e o fascínio pelos materiais e seu potencial, e posteriormente, como marca da sua identidade e forma de viver as experiências estéticas: *“O trabalho de um artista evolui sempre como consequência directa da sua atitude face à matéria física e ao pensamento.”*

A este propósito, Luís Brilhante explica a obra de arte como um objecto eternamente inacabado, que não termina nos seus limites: *“uma obra de arte não se fecha em si própria, mantém sempre no seu corpo um manancial de leitura e interpretação que engole o tempo, ou os tempos.”*

Apesar de não afirmar uma utilização explícita da Ilha nas suas obras, como Açoriano, Luís Brilhante tem sido uma das contribuições para a alteração do panorama artístico da Região, referida por Maria Cavaco. Com efeito, os artistas que, com coragem, se atrevem a “ir para além do mar”, são aqueles que abrem as portas para as gerações futuras, nomeadamente a minha, e que alargam os limites da nossa costa, para além do que é físico.

Conclusão

Foi interessante constatar, a propósito deste trabalho, que, não obstante a simplicidade do método que utilizei, os contratempos determinam o curso de uma investigação e que a necessidade de nos adaptarmos e de assumirmos essas limitações é uma constante.

Ao mesmo tempo, o perceber de que as ideias e concepções com que abordei a questão se foram desvanecendo à medida que o contacto com Luís Brilhante foi estreitando, é estruturante para a definição de uma possível identidade como futura investigadora: muitas vezes são elas que moldam o nosso ponto de vista, fazendo-nos procurar respostas nossas e, talvez, impedindo o encontrar de respostas de outros; neste sentido, a sorte foi a de ter encontrado alguém, cujo trabalho admiro, e que me apresentou uma visão bastante diferente.

Bibliografia

QUIVY, Raymond e, CAMPENHOUDT, LucVan, (1995), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva, Lisboa.

www.luisbrilhante.com

Anexos

E-mails trocados com Luís Brilhante:

Boa noite,

Antes de mais devo apresentar-me, sou a Susana Lopes, estudo na Faculdade de Belas Artes do Porto e sou amiga da sua sobrinha Joana.

Creio que ela falou consigo sobre um trabalho que estou a desenvolver para uma disciplina da faculdade, que curiosamente também foi onde estudou um certo tempo.

Queria saber se era possível fazer-lhe algumas perguntas sobre o seu trabalho, ou melhor, sobre o seu percurso profissional, por e-mail, uma vez que não podemos estar juntos, e conceder-me algumas imagens das suas obras.

Se assim for, quando completo, enviarei o meu trabalho que também incluirá o meu método de investigação sobre si, visto que a disciplina trata-se do mesmo, métodos de investigação.

Aguardo a sua resposta.

Um Obrigada e Cumprimentos,

Susana Aleixo Lopes

Viva Susana, fico muito satisfeito pelo seu interesse em explorar o meu trabalho artístico. Devo dizer antes de mais que tenho desenvolvido um percurso bipartido entre o ensino e as artes plásticas, coisa muito comum nos artistas portugueses, pelos vistos... Obviamente que estarei disponível em colaborar. Bem sei que o tempo é muito escasso, mas certamente que darei o meu melhor contributo.

Atenciosamente.

L.

Boa noite,

Desde já, muito obrigada pela sua disponibilidade.

Vou-lhe colocar algumas questões e, se necessário e possível para si, posteriormente colocarei outras questões consoante o desenvolvimento do trabalho.

Assim sendo:

* Precisava de ter acesso ao seu currículo, mas já o vi na sua página de Internet.

* Biografia

* Gostaria, se possível, que me mandasse fotos das suas obras desde o início do seu percurso até agora nesta área, obviamente não são necessárias todas as obras, visto que já desenvolveu muitos projectos, mas pelo menos as suas preferidas, agradecia. Se puder e não for muito incómodo, adicionar uma

pequena memória descritiva, técnicas e tamanho das obras para que o trabalho fique mais completo.

- O que o levou/ motivou para a escolha desta área – Artes? Porquê a pintura?
- Como teve início a sua carreira? E como considera a evolução do seu trabalho?
- Quais foram as suas principais dificuldades e mais valias nesta área? Sentiu alguma alteração?
- Notou alguma rejeição por parte da sua família, amigos, no local onde nasceu e estudou, etc., pela sua opção pela pintura?
- Quais considera serem as principais influências na sua arte? O que o inspira/ou? O que destaca na sua produção artística?
- A terra natal tem influência no seu trabalho?
- Num dos e-mails anteriores referiu a necessidade de uma actividade bipartida, no seu caso, entre a pintura e o ensino. Considerando as dificuldades da área, o que aconselha a futuros artistas plásticos do seu país?

Termino, em princípio, as questões. Consoante o desenvolvimento, espero poder contactá-lo de novo.

Um muitíssimo obrigada e ficarei à espera das suas respostas.

Cumprimentos,
Susana Aleixo Lopes

Entrevista a Luís Brilhante

- O que o levou/ motivou para a escolha desta área – Artes? Porquê a pintura?

Creio que quando se é novo e se escolhe uma área profissional de forma decidida, normalmente há antecedentes familiares o que leva naturalmente, e de forma intuitiva a desenvolver estímulos relacionados com as práticas da escolha em causa. No meu caso não foi bem assim, apesar de já ter muitos familiares que pintavam e esculpam por gosto aos fins-de-semana.

À medida que o tempo vai passando, e vou desenvolvendo os meus projectos, cada vez mais me convenço que isto de ser artista é uma forma de estar na vida em que muitas as vezes as coisas mais simples e ocasionais, são aquelas que verdadeiramente constituem grandes experiências de vida. Isto significa um estar atento permanentemente e deixar-me fascinar pelo que me rodeia. A pintura tem sido a minha escolha, como podia ser outra disciplina. Creio que é através da pintura que encontrei uma forma de me confrontar com algo tão complexo quanto o nosso pensamento.

- Como teve início a sua carreira? E como considera a evolução do seu trabalho?

Defino o início da carreira de um artista como estando ligado ao fascínio pelos materiais e ao potencial que estes podem trazer. Penso que foi este um dos meus pontos de partida, aliás este fenómeno é curioso porque posteriormente diz muito sobre a identidade do artista e a forma como vive as suas experiências estéticas. O trabalho de um artista evolui sempre como consequência directa da sua atitude face à matéria física e ao pensamento. É por isso que uma obra de arte não se fecha em si própria, mantém sempre no seu corpo um manancial de leitura e interpretação que engole o tempo, ou os tempos. Há tempos alguém dizia que os artistas dividem-se entre aqueles que vivem na sua «Torre de

Marfim», aqueles que se assumem como *entertainers* e finalmente os do meio; os que ficam ao meio, que se encaixam em qualquer dos lados. Os primeiros são os ditos puritanistas, aqueles que fazem o que querem, como querem e estão-se pouco importando para aquilo que acham do seu trabalho. Os *entertainers*, são os que se assumem, sem rodeios nem medos naquilo que fazem direccionando toda a sua produção para o seu público. Finalmente os do meio, os que se dizem puritanistas, assumem-se como independentes e desprendidos de jogos de poder, mas quando aquilo que fazem é reconhecido, é um Bónus. Estes últimos acho-os insuportáveis. Julgo que me enquadro no primeiro caso.

**- Quais foram as suas principais dificuldades e mais valias nesta área?
Sentiu alguma alteração?**

É nos momentos difíceis que se conhecem verdadeiramente as pessoas. Sendo o processo criativo um constante retorno ao início; nunca é como fazer melhor do que o anterior, as dificuldades são sempre muitas, portanto o artista propõe-se normalmente a um estado de absoluta revelação, é como se estivesse sob um regime de leis ocultas do universo. Enfim, as dificuldades são muitas, mas as recompensas são maiores, logo o balanço é positivo.

- Notou alguma rejeição por parte da sua família, amigos, no local onde nasceu e estudou, etc., pela sua opção pela pintura?

As rejeições existem sempre, umas injustas, outras não. O que é preciso é saber lidar com elas. Normalmente quando se cai no chão, a regra é levantar sozinho e continuar caminho, sempre assim, sem nunca desistir. Faz parte do pacote...

- Quais considera serem as principais influências na sua arte? O que o inspira/ou? O que destaca na sua produção artística?

Pintura é para se ver ao vivo. É preciso ir ao local, ver a obra contaminada pela envolvente e desafiar os estímulos. Faço grandes compassos de espera para ver uma exposição, gosto de consumir pintura no local. Entretanto vou-me entretendo com música, fotografia, cinema (sobretudo brasileiro) e a alguns ensaios sobre teoria de arte. Considero fascinante a forma como Rosalind Krauss aborda questões relacionadas com a intuição na leitura de uma obra de arte. Considero demasiado cedo para fazer grandes destaques na minha obra, contudo foi um grande desafio no início da minha carreira afirmar a minha pintura a partir de um conceito de pele associado à linha, deu-me um gozo tremendo.

- A terra natal tem influência no seu trabalho?

Teve uma influência muito importante na construção da minha personalidade, quando se é ilhéu e durante a infância, pensa-se que o mundo além da ilha não existe, ou melhor existe mas é algo que nos é estranho e inacessível. Creio que este lado ausente ajudou muito a desenvolver o meu lado imaginário e a entusiasmar-me pelo nunca visto e conseqüentemente a exercitar a abstracção.

- Num dos e-mails anteriores referiu a necessidade de uma actividade bipartida, no seu caso, entre a pintura e o ensino. Considerando as dificuldades da área, o que aconselha a futuros artistas plásticos do seu país?

Os ingleses têm uma velha máxima que diz, nunca dê conselhos a quem não os pede. Contudo cada caso é um caso e há quem defenda mesmo que para iniciar uma carreira artística, deverá aconselhar-se junto de um crítico e também

um galerista, pelo que considero esta ideia desprezível. Ser artista significa não só ter um bom projecto(s), como também ter carisma pessoal, vontade de afirmação e sobretudo desenvolver um grande fascínio pelas coisas, muitas vezes, as mais insignificantes. Só assim se consegue trilhar o caminho entre a obra/artista e o público, este caminho é o da simplicidade da seriedade.